

## **“Minha única mágoa é não saber para que serve a fórmula de Bhaskara”: a narrativa de um licenciando em Computação**

Cristina Carvalho de Almeida<sup>1</sup>

### GD7 – Formação de professores que ensinam Matemática

Este trabalho, escrito em tom narrativo, caracteriza-se como recorte de uma pesquisa de abordagem qualitativa desenvolvida no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* – Doutorado em Educação – no campus de Itatiba da Universidade São Francisco (USF). O contexto para produção dos dados foi o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), curso de Licenciatura em Computação, campus Machado do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais (IFSULDEMINAS). Neste programa, o vínculo da Computação com a Matemática do ensino fundamental se fez necessário pelo fato da escola pública onde o projeto é desenvolvido não apresentar a Informática como conteúdo curricular individual e obrigatório. Teve como colaboradores seis pibidianos e a professora supervisora da escola. Trazemos aqui o caso de um pibidiano, cujos dados foram produzidos em maio de 2015 através de uma entrevista narrativa. Apesar de todas as dificuldades encontradas nas atividades de iniciação à docência, o licenciando evidenciou seu encanto pela profissão docente ao narrar sobre "o brilho no olhar" que as atividades do PIBID despertam nos alunos da educação básica. Também ficou nítida a percepção do licenciando quanto à prudência da professora-supervisora do PIBID na execução de suas atividades docentes para o ensino da Matemática no 9º ano do ensino fundamental. O PIBID, enquanto política pública de formação de professores e incentivo à docência tem contribuído para a constituição profissional dos futuros professores.

**Palavras-chave:** entrevista narrativa; PIBID; formação inicial de professores.

### **Introdução**

Em 2007, a partir de ações do Ministério da Educação (MEC), por intervenção da Secretaria de Educação Superior (SESu), da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), foi criado o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) com o objetivo de incentivar a iniciação à docência de licenciandos e valorizar a formação de professores para a educação básica.

Após aprovação de projetos submetidos à CAPES para participação no PIBID, as Instituições de Ensino Superior (IES) passam a oferecer aos seus estudantes dos cursos de licenciatura, doravante denominados **pibidiano(s)**, a oportunidade de recebimento de bolsas de iniciação à docência para o desenvolvimento de atividades em escolas públicas sob a supervisão de professores da educação básica, que atuam com bolsas para este fim,

---

<sup>1</sup> Universidade São Francisco, e-mail: criscalmeida@gmail.com, orientadora: Dra. Adair Mendes Nacarato.

doravante denominados **professor(es)-supervisor(es)**. Através do vínculo que se estabelece entre as IES e a escola básica, o programa possibilita a inserção dos pibidianos no cotidiano escolar oferecendo-lhes possibilidades de interação com professores-supervisores que lhes proporcionam a participação em atividades metodológicas e práticas docentes.

O PIBID consolidou-se nacionalmente como política de formação de professores para atuar na educação básica pública quando foi homologada a Lei nº 12.796 em abril de 2013. Neste documento, o 5º parágrafo do artigo 62 descreve que: “A União, o Distrito Federal, os Estados e os Municípios incentivarão a formação de profissionais do magistério para atuar na educação básica pública mediante programa institucional de bolsa de iniciação à docência a estudantes matriculados em cursos de licenciatura, de graduação plena, nas instituições de educação superior” (BRASIL, 2013).

Trazemos neste trabalho o recorte de uma pesquisa de doutorado que tem como campo para produção dos dados o campus Machado do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais (IFSULDEMINAS), onde o PIBID busca permitir a formação inicial dos pibidianos e redimensionar suas práticas de estágio supervisionado, promover a formação continuada dos professores-supervisores, favorecer o desenvolvimento de práticas interdisciplinares e aumentar o interesse dos alunos das escolas parceiras nas disciplinas das licenciaturas envolvidas no projeto.

Dentre todas as licenciaturas ofertadas pelo IFSULDEMINAS, optamos pela produção dos dados com pibidianos da Computação porque fui coordenadora deste subprojeto por cerca de três anos, além de ser professora do curso de Licenciatura em Computação. Em alguns trechos deste trabalho, o texto foi escrito na 1ª pessoa do plural por se tratar de minhas concepções de pesquisadora juntamente com minha orientadora e por pretendermos tecer um texto narrativo que, segundo Clandinin e Connelly (2011), caracteriza-se como um processo dinâmico de viver e contar histórias. Trabalhamos com esta perspectiva por influência do grupo de pesquisa do qual faço parte, denominado “História de formação de professores que ensinam Matemática” (HIFOPEM), coordenado pela minha orientadora do doutorado, professora Dra. Adair Mendes Nacarato.

A esta introdução, segue a caracterização do cenário no qual está inserido o PIBID Computação no IFSULDEMINAS. Posteriormente são apresentados os procedimentos metodológicos, a análise dos dados produzidos pelo colaborador desta pesquisa (um pibidiano da Computação), as considerações finais e as referências.

### **Caracterização do IFSULDEMINAS e do PIBID Computação**

O IFSULDEMINAS foi instituído em 2008, com a união de três escolas agrotécnicas da região sul de Minas Gerais (Inconfidentes, Machado e Muzambinho). Atualmente possui também os campus de Passos, Poços de Caldas e Pouso Alegre, cidade esta onde também fica localizada a reitoria, além dos núcleos avançados de Carmo de Minas e de Três Corações. Sua missão é: "Promover a excelência na oferta da educação profissional e tecnológica em todos os níveis, formando cidadãos críticos, criativos, competentes e humanistas, articulando ensino, pesquisa e extensão e contribuindo para o desenvolvimento sustentável do sul de Minas Gerais" (IFSULDEMINAS, 2014, p.24).

A partir de março de 2014, as atividades do PIBID IFSULDEMINAS passaram a contemplar 12 escolas parceiras, tendo inicialmente 130 pibidianos, 22 professores-supervisores, 11 coordenadores de área (professores das licenciaturas do instituto), um Coordenador de Gestão de Processos Educacionais e uma Coordenadora Institucional.

Os dados desta pesquisa foram produzidos no contexto do PIBID Computação e neste cenário cabe esclarecer que o vínculo da Computação, área de formação dos licenciandos pesquisados, com a Matemática do ensino fundamental se fez necessário porque as escolas públicas onde o projeto é desenvolvido não apresentam a Informática como conteúdo curricular individual e obrigatório. Por este motivo, as ações do PIBID Computação são planejadas para contemplar especificamente a disciplina de Matemática com o objetivo de contribuir para o desenvolvimento de alternativas que enriqueçam pedagogicamente os conteúdos desta disciplina através do uso de recursos computacionais e tecnológicos como, por exemplo, o uso de lousas digitais, programas de computador e kits de robótica.

Na época da produção dos dados desta pesquisa, o PIBID Computação contava com 22 pibidianos da Computação que desenvolviam suas atividades de iniciação à docência em três escolas estaduais de educação básica e eram orientados por professoras de Matemática (bolsistas do PIBID na modalidade de supervisão) que, conforme definido pela CAPES, têm como principais atribuições: a divulgação das atividades do projeto na comunidade escolar, a elaboração, o desenvolvimento e o acompanhamento das atividades dos bolsistas de iniciação à docência bem como o controle da frequência nas atividades e a participação nos seminários promovidos pelo projeto.

Conhecidas as principais características do IFSULDEMINAS e do PIBID Computação, passamos a apresentar os procedimentos metodológicos adotados durante a pesquisa.

### **Procedimentos metodológicos**

Este trabalho caracteriza-se como um recorte de uma pesquisa de abordagem qualitativa desenvolvida no Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* – Doutorado em Educação – no campus de Itatiba da Universidade São Francisco (USF). O contexto para produção dos dados foi o PIBID, curso de Licenciatura em Computação, campus Machado do IFSULDEMINAS.

Neste trabalho apresentamos os dados da Entrevista Narrativa (EN) concedida por um dos pibidianos da Computação. Pretendemos, desta forma, aprofundar a análise dos processos formativos vivenciados por ele bem como analisar os aspectos primordiais de sua formação enquanto professor, além de refletir sobre sua trajetória pessoal e acadêmica até à licenciatura e consequente participação no PIBID. Ao ponderarmos sobre este tema, adotamos a perspectiva de formação, segundo Bolívar (2006), como um processo de apropriação pessoal e reflexiva, de integração da experiência de vida e profissional, em função das quais uma ação educativa adquire o significado de formar-se, em lugar de formar aos professores.

A entrevista, que teve o áudio gravado e posteriormente transcrito na íntegra para análise, foi realizada nas dependências do campus Machado em horário diferente das atividades do PIBID e do curso de Licenciatura em Computação, após a permissão concedida pela coordenação institucional do projeto para realização da pesquisa, com o consentimento da direção geral do campus e aprovação do projeto pelo Comitê de Ética.

Embora a maior parte da análise tenha sido subsidiada pelos dados gravados em áudio, ficamos atentas aos registros que fiz, enquanto pesquisadora, em relação aos gestos e contexto depois que o equipamento de áudio foi desligado já que, conforme afirma Bertaux (2010, p. 85), “você poderá então desligar o gravador, mas esteja atento porque pode ser nesse momento, precisamente, que o mais importante lhe seja dito, por exemplo, uma *chave* que faltava para que você pudesse compreender o que busca conhecer” (grifo do autor).

Por questões éticas, o nome do pibidiano entrevistado não será apresentado. Para isto, temos como premissa Clandinin e Connelly (2011, p. 222):

Da mesma forma que consultamos nossas consciências sobre as responsabilidades que temos em uma relação de amizade, precisamos consultar nossa consciência sobre nossa responsabilidade como pesquisadores narrativos em uma relação de participação no processo de pesquisa.

Com os dados produzidos, passamos então a tecer reflexões acerca do contexto de formação narrado pelo pibidiano buscando nos aproximar da concepção da identidade dos professores em formação no curso de Licenciatura em Computação considerando que, segundo Dubar (2005, p. XXI), “todas as identidades são denominações relativas a uma época histórica e a um tipo de contexto social. Assim, todas as identidades são construções sociais e de linguagem que são acompanhadas, em maior ou menor grau, por racionalizações e reinterpretações que às vezes as fazem passar por *essências intemporais*” (grifos do autor).

Identificados os dados necessários para análise, passamos a tecer algumas reflexões sobre o processo formativo do pibidiano, através de sua narrativa, e buscamos aproximações dos referenciais teóricos que nortearam esta pesquisa.

### **Análise dos dados**

A entrevista narrativa que originou os dados deste trabalho foi realizada em maio de 2015. Nesta oportunidade, o pibidiano enfatizou algumas marcas de sua trajetória acadêmica, mencionando algumas atitudes docentes que o deixaram frustrados na educação básica e que pretende não repeti-las com seus (futuros) alunos.

Quando nos concedeu a entrevista, o pibidiano tinha 20 anos, cursava o 5º período do curso de Licenciatura em Computação e participava do PIBID desde setembro de 2013. Entretanto, ele destacou que ficou um tempo afastado do projeto porque o primeiro edital teve sua vigência encerrada e no processo seletivo seguinte não foi imediatamente selecionado, porque na época da entrevista não tinha muita disponibilidade de tempo para as atividades já que havia assumido outros compromissos acadêmicos.

Sobre sua educação infantil, as lembranças do pibidiano fazem referência ao fato de ter entrado na escola ainda muito criança. Apesar de ter tido medo no início deste período, ele tem boas recordações:

Quando eu entrei pela primeira vez num ambiente escolar foi numa escola particular onde meu pai tinha um convênio de trabalho e eu lembro que quando eu comecei foi meio difícil porque eu tinha um pouco de medo da escola talvez por ser muito criança. Não me lembro da idade ao certo. Mas eu cheguei a fazer o pré lá nesta escola. Foi bastante legal porque a escola tinha bastante dinâmica, a parte de natação. Eu achava muito interessante esta escola. Mas ainda sentia um pouco desse medo, apesar de ter me soltado bastante (Pibidiano / EN).

Ainda nos anos iniciais de sua formação básica, o pibidiano e seus familiares tiveram que mudar de casa e isto fez com que fosse matriculado em outra escola, chamada por ele de

“escola do bairro”. Foi neste local que fez muitos amigos, alguns ainda permanecem em seu laço afetivo, e também tinha um bom relacionamento com os professores. Ele relata:

Comecei a estudar numa escola municipal que foi bastante interessante também porque meus amigos que tenho até hoje, eu fiz lá nesta escola. Era uma escola nova. Se não me engano, fui da segunda turma que terminou o ensino básico lá. Apesar de ser uma escola municipal, a infraestrutura era muito boa. E o que me lembro desta época marcante da minha vida são os professores. Até hoje mantenho contato com alguns professores e alunos porque era tudo dali perto de casa mesmo. Era a escola do bairro (Pibidiano / EN).

Ao analisar o trecho “apesar de ser uma escola municipal, a infraestrutura era muito boa”, percebemos certo (pré)conceito em relação às escolas municipais. Talvez seja pelo fato de que algumas delas realmente encontram dificuldades financeiras, o que acaba refletindo diretamente na questão de infraestrutura citada por ele.

Em relação ao ensino fundamental, alguns fatos marcaram a história deste pibidiano. Entre eles, disse que teve que mudar de escola mais uma vez e que estava com receio pois, até então, não ouvia falar muito bem do local onde seria matriculado. Entretanto, ao conviver com a realidade da nova escola, percebeu que o contexto não era exatamente como descrito pelas pessoas e inclusive menciona que esta é a escola onde atualmente desenvolve as atividades do PIBID:

No ensino fundamental, eu tive que ir para uma escola estadual. Causou um desconforto no começo porque tinha que pegar ônibus. Era um novo mundo. Tinha gente de bairro distante. Sem contar que você vai com um pouco de receio porque o pessoal diz: “Lá é meio ruim, meio perigoso”. Não achei. Esta é a escola que eu faço PIBID inclusive. Foi um tempo legal na minha vida, que eu também fiz muitos amigos (Pibidiano / EN).

Considerando o cenário da educação superior, a escolha do pibidiano pelo curso de Licenciatura em Computação parece ter sido influenciada pelo fato dele gostar, desde o ensino médio, de usar a tecnologia. Ele conta entusiasmado que ajudava os professores com os aparatos computacionais:

O que eu me lembro é que eu sempre gostei muito de tecnologia, de informática e computação. Quando eu estava na fase do ensino médio, que também foi nesta escola, eu era o ajudante dos professores para montar datashow, para trabalhar com parte de som... Então isto foi muito marcante na minha trajetória. Agora estou estudando aqui no instituto, fazendo Licenciatura em Computação. Estou gostando também. E tem esta história que com o PIBID estou retornando à escola. Achei bastante nostálgico e legal porque eu consegui ver do outro lado da moeda, né? (Pibidiano / EN).

Sua participação no PIBID tem lhe proporcionado um sentimento de nostalgia e lhe permite que possa compreender melhor a profissão docente, colocando-se agora não mais como aluno desta escola estadual mas como alguém que conduz o processo de ensino.

Para Bolívar (2006), a noção de identidade não é uma realidade objetiva, sim uma construção discursiva e mental que os indivíduos usam para expressar um determinado modo de olhar e sentir em relação ao seu meio (espaços de representação e práticas). Acredito ser com este constructo que o pibidiano afirma-se enquanto licenciando e sente-se melancólico ao vislumbrar a possibilidade de retornar à escola para desenvolver as atividades de iniciação à docência, orientado pela professora-supervisora.

Ao longo de sua narrativa, o pibidiano comenta que gostaria de ter feito Ciência da Computação, assim como outros colegas licenciandos, e que a escolha pela Licenciatura em Computação relaciona-se principalmente ao fato do curso ser oferecido em sua cidade natal. Apesar da frustração inicial, o pibidiano diz gostar do curso escolhido:

Fiz o vestibular para Licenciatura em Computação primeiramente porque é local e fica bem mais fácil para mim. Eu fiz até com a expectativa de entrar em outros cursos. Eu fiz a licenciatura mais como um “Plano B” porque na verdade eu queria trabalhar com Ciência da Computação em Alfenas. Só que eu vim para cá um pouco desconfiado disso, dessa história de licenciatura, de ser professor. Mas, acabei me identificando bastante com o curso e estou gostando. É muito legal. Foi esta a minha história com a licenciatura (Pibidiano / EN).

Enquanto licenciando em Computação, por querer conhecer um pouco mais da profissão docente e pelo fato do PIBID oferecer uma bolsa mensal aos alunos de iniciação à docência, o pibidiano decidiu participar do processo seletivo para o programa. Ele revela:

Eu queria me envolver um pouco mais com o curso, com esta história de ser professor. E segundo tem o fator financeiro. Na época eu era desempregado e então pensei: “vamos unir o útil ao agradável” (Pibidiano / EN).

Olhamos para este lado financeiro como uma contribuição do PIBID para que os licenciandos possam dedicar-se aos estudos e às práticas docentes, sem contudo ficarem desamparados economicamente, o que acaba, conseqüentemente, favorecendo a permanência deles no curso.

O início das atividades de docência tem provocado um sentimento de medo na maioria dos licenciandos, principalmente pelo fato das atividades serem desenvolvidas com adolescentes da educação básica. Percebia isto como coordenadora de área do PIBID Computação e tive esta constatação enfatizada com o relato do pibidiano:

Eu senti medo no começo porque senti que não saberia me comunicar com eles, com a linguagem deles. Eu senti que a gente estava em universos diferentes apesar de ter estudado a vida inteira lá. Só que não. Depois de umas duas vezes que eu voltei lá eu já consegui entender que era só uma questão de conversar mesmo. Os alunos lá são bem tranquilos apesar da sala ser um pouco tumultuada. A pessoa, o indivíduo, o aluno é bastante tranquilo de conversar. Então eu consigo levar muito bem. Eu tenho até alguns amigos lá já, com os alunos (Pibidiano / EN).

Pela sua narrativa, seu medo parece ter sido apenas inicial. Creio que isto se deva principalmente ao fato de que os licenciandos têm à sua frente um novo cenário onde deverão colocar em prática os conceitos aprendidos no curso de licenciatura e a partir das orientações da coordenação de área e das professoras-supervisoras do projeto passam a desenvolver as atividades de iniciação à docência.

Sobre a interação com os alunos do 9º ano do ensino fundamental, o pibidiano percebe que, através das atividades do PIBID, os licenciandos têm conseguido entusiasamá-los quanto aos processos de ensino e aprendizagem:

A gente causa até um brilho no olhar dos alunos exatamente por ser diferente. Como aula nem sempre é uma coisa legal de se assistir todo dia, é rotina, aí acontece uma quebra na rotina e os alunos olham a gente como uma forma de diversão dentro da sala de aula. Então a reação deles é de felicidade. Você consegue ver a felicidade quando a gente chega. É bastante interessante (Pibidiano / EN).

Apesar da forma extrovertida com que conta sobre as atividades que são desenvolvidas pelos pibidianos da Computação ao ensinarem Matemática, percebemos que o processo de ensino tem sido enriquecido com as atividades propostas:

Mesmo que de uma maneira lúdica e nem sempre direta, eu consigo enxergar que houve um desenvolvimento nos alunos. Quando a gente ensinou xadrez, por exemplo, a maioria da sala aprendeu. Isto foi um conhecimento que eles ganharam com a gente. Foi bastante legal (Pibidiano / EN).

Ao comentar sobre sua relação com a professora-supervisora, o pibidiano revela que se sente como professor quando está junto com os outros professores mas que diante dos alunos ainda não consegue desempenhar todas as funções, nas concepções dele, atribuídas a esta profissão e que a professora-supervisora desempenha:

Eu me sinto agora conversando em pé de igualdade com os outros professores. Tem vezes que eu me pego como um professor mesmo, na hora do intervalo lá na sala dos professores. Só que ainda tem uma professora-supervisora que fica na sala de aula. Então às vezes é ela quem chama a atenção dos alunos. Isto eu não tenho muito ainda não, de conseguir chamar a atenção para mim. Eu prefiro que a atenção já esteja comigo. Então tem esta ajuda... Este momento de chamar a atenção eu ainda não sinto em mim. Mas, faz parte, né? Eu estou aprendendo (Pibidiano / EN).

A professora-supervisora é vista pelo pibidiano como facilitadora do acesso às atividades de iniciação à docência bem como um figura norteadora para os pibidianos no sentido de orientação sobre os conteúdos a serem trabalhados:

Para a gente conseguir uma aula eu acho que seria mais complicado porque a supervisora já disponibiliza a aula dela. Se fosse só a gente e tivesse que ir lá pedir uma aula para o professor seria uma complicação porque nem sempre o professor vai querer dar uma aula dele. Outra coisa, ela é um norte que a gente

tem baseado no conteúdo dela, que ela passa para a gente. Eu já assisti aulas dela... aulas de revisão (Pibidiano / EN).

Embora ainda tenha na professora-supervisora o suporte necessário para manter a disciplina da classe, o pibidiano diz ter aprendido com ela algumas técnicas, principalmente quando são desenvolvidas atividades dinâmicas nas quais a sala é dividida em equipes, o que conseqüentemente pode gerar um tumulto, digamos, natural:

Na questão de chamar a atenção, eu a observo para ver como que eu posso fazer isso. Se ela faz e ninguém reclama, se eu fizer também ninguém vai reclamar. Para chamar a atenção funciona chamar pelo nome. Quando você chama a atenção geral, não funciona. Agora quando você aponta... porque tem os focos, né? Não é a sala inteira que “muvuca”, são os focos. E ela faz isto. Ela sabe quem são os alunos porque ela tem o conhecimento da turma e ela aponta os focos. Aí fica mais fácil. Isso, essa técnica eu aprendi com ela (Pibidiano / EN).

Esta reflexão feita pelo pibidiano nos remete à Nóvoa (2009) no sentido da procura incessante de características que definiram, durante muito tempo, o que era considerado um bom professor. Segundo o autor, na segunda metade do século XX, foi consolidada uma trilogia que obteve grande divulgação sobre a carreira docente: saber (conhecimentos), saber-fazer (capacidades), saber-ser (atitudes). O fato da professora-supervisora do PIBID Computação ter atitudes de controle sobre a disciplina dos alunos em sala de aula parece defini-la como um exemplo para o pibidiano.

Embora o curso de Licenciatura em Computação do IFSULDEMINAS tenha em sua matriz curricular disciplinas que trabalham conteúdos matemáticos, como Lógica Matemática, Matemática Discreta, Estatística e Estrutura de Dados, o pibidiano sente certa dificuldade em lembrar conteúdos do ensino fundamental e acredita ser este um lado negativo, pra ele, da associação do PIBID ao ensino da Matemática. Mas, ao mesmo tempo, indica ser este um fator que gera a oportunidade de aprendizado para os pibidianos:

A gente tem que envolver a nossa matéria que é informática, os recursos tecnológicos, e transformar numa forma de ensinar Matemática. Isso é uma vantagem porque a gente acaba tendo mais desenvoltura nessa parte de trabalhar com recursos digitais. Negativo é que a gente tem que correr atrás do que a gente não sabe de Matemática, uma matéria bem específica, para conseguir ensinar. Se for ver é até um lado positivo porque a gente acaba aprendendo um pouco de Matemática (Pibidiano / EN).

Percebemos nesta narrativa um ar crítico em relação à forma como os conteúdos de Matemática são ensinados na educação básica. Ele até exemplifica esta situação:

No ensino da Matemática atual falta “conceitualizar” as coisas. Eu sei Bhaskara mas eu não sei onde eu ponho Bhaskara, onde eu aplico Bhaskara. Como isso, eu acabo fazendo do aluno um produto que vai gerar um resultado para mim e só (Pibidiano / EN).

Na visão do pibidiano, seria indicado que o professor buscasse alternativas para que os alunos pudessem entender o porquê de aprender determinados conteúdos:

Eu quero politizar o aluno de uma forma que ele vai entender que Bhaskara foi tal e desenvolveu a fórmula para suprir tal necessidade dentro da área dele. Eu acho que isso fica muito vago e acontece também com qualquer outra matéria da escola porque você acaba aprendendo a parte prática e a parte conceitual, a parte teórica, que realmente define você como estando num ambiente acadêmico, você acaba pulando (Pibidiano / EN).

O pibidiano relata que o fato de aprender fórmulas não justifica os processos de ensino e aprendizagem de Matemática:

Então eu acho que falta isso: mais teoria na Matemática. Porque só por ser uma matéria de cálculo geralmente está no senso comum que não precisa de teoria. É só aprender a fazer as contas. Se você sabe usar a fórmula de Bhaskara, você sabe Bhaskara. Não, eu não sei Bhaskara. Só sei a fórmula. Eu acho que isto é um ponto muito fraco da educação, ainda mais na Matemática. Não faz sentido eu saber fazer contas, saber fórmulas mas não saber o porquê eu tenho que saber isso se não para passar num vestibular. Isso não faz sentido para mim e não faz sentido pros alunos lá também. Você consegue perceber isso. É muito difícil encontrar teoria na Matemática. Só tem prática, aprende a fazer e faz (Pibidiano / EN).

O pibidiano, aparentemente tímido, narra que achou que sentiria dificuldades quando tivesse que apresentar algum trabalho no curso de licenciatura, mas isso não aconteceu:

Achei que iria encontrar dificuldade para me comunicar em público porque eu sempre fui muito tímido. Aí eu falei: “Nossa... quando eu tiver que apresentar uma aula, um seminário um pouco mais complexo, eu vou travar”. Mas, não. Eu achei, eu senti que ia ter essa dificuldade, mas eu consegui me sair bem nela. Eu consegui me sair bem neste ato de discursar. Então eu estou gostando dessa história de ter que falar e convencer a outra pessoa (Pibidiano / EN).

O pibidiano aponta que o fato de estar junto com outro pibidiano facilitou as atividades de iniciação à docência, ainda mais porque temia ter que estar diante de um público até então desconhecido. Ele acredita que a desenvoltura do colega devia-se ao fato de já estar no PIBID há mais tempo.

Finalizando sua narrativa, o pibidiano ironiza que a única mágoa que carrega de toda sua trajetória acadêmica é nunca ter entendido para que serve a fórmula de Bhaskara. Realmente este fato marcou sua trajetória e agora a minha também, enquanto professora. Tive o desejo de nunca mais ensinar nada sem contextualizar o sentido do aprendizado de determinado conteúdo. A oportunidade que tenho tido, de trabalhar como pesquisadora no cenário educacional, tem me (trans)formado psicologicamente e profissionalmente. Acredito que Clandinin e Connelly (2011, p. 99) fizeram referência a este tipo de (trans)formação quando afirmaram:

Enquanto trabalhamos no espaço tridimensional da pesquisa narrativa, aprendemos a olhar para nós mesmos como sempre no entremeio – localizado em algum lugar ao longo das dimensões do tempo, do espaço, do pessoal e do social. Mas nos encontramos no entremeio também em outro sentido, isto é, encontramos-nos no meio de um conjunto de histórias – as nossas e as de outras pessoas (grifos dos autores).

Diante destas características, finalizamos a análise dos dados produzidos por este pibidiano. Uma narrativa que me fez refletir enquanto professora e formadora de professores sobre o contexto educacional em que vivemos e desenvolvemos nossa profissão.

### **Considerações finais**

Este trabalho procurou evidenciar como as experiências acadêmicas e profissionais obtidas através da participação de um licenciando no PIBID Computação do IFSULDEMINAS tem contribuído para que este jovem venha a tornar-se professor, procurando não repetir as mesmas atitudes que acredita frustrar os alunos da educação básica, como a falta de contextualização dos conteúdos ensinados.

Através da análise de sua entrevista narrativa, tivemos a oportunidade de refletir sobre a importância do PIBID enquanto programa de iniciação à docência que, além da ajuda financeira, permite que o pibidiano possa vivenciar o cotidiano escolar desenvolvendo estratégias de vínculo dos recursos tecnológicos ao processo de ensino de Matemática, sob a orientação de uma professora da disciplina. Também ficou evidente a ansiedade inicial do pibidiano ao ter que trabalhar com adolescentes da educação básica e o medo de falar diante de um público, até então, desconhecido.

Apesar de todas as dificuldades encontradas, o pibidiano deixou transparecer seu encanto pela profissão docente ao narrar sobre "o brilho no olhar" que as atividades do PIBID despertam nos alunos da educação básica e a prudência da professora-supervisora na execução de suas atividades docentes.

Foi possível constatar que o PIBID, enquanto política pública de formação de professores, pode promover a relação entre a teoria e a prática para os licenciandos bem como colaborar para que se vejam realmente como professores e percebam a importância de sua formação. Ao finalizar este trabalho, não podemos deixar de manifestar nossas preocupações com os rumos desse programa. Na atual conjuntura política e educacional do Brasil, devemos assinalar que, de forma lastimável, o PIBID vem apresentando uma redução gradativa do número de bolsas, o que pode levar à extinção do programa, apesar de muitas pesquisas

apontarem para os benefícios gerais desta iniciativa nacional de incentivo à docência. Não sabemos como será sua continuidade nem mesmo se ele ainda existirá quando finalizarmos nossa pesquisa.

### **Referências**

BERTAUX, D. **Narrativas de vida:** a pesquisa e seus métodos. Tradução Zuleide Alves Cardoso Cavalcante, Denise Maria Gurgel Lavallée; revisão científica Maria da Conceição Passegi, Márcio Venício Barbosa. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

BOLÍVAR, Antonio. **La identidad profesional del profesorado de secundaria:** crisis y reconstrucción. Málaga: Ediciones Aljibe, 2006.

BRASIL. **Lei nº 12.796 de 04 de abril de 2013.** Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Ano CL nº 65, seção 1, p. 1-2, 2013.

CLANDININ, D. J, CONNELLY, F. M. **Pesquisa narrativa:** experiências e história na pesquisa qualitativa. Tradução do Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.

DUBAR, C. **A socialização:** construção das identidades sociais e profissionais. Tradução Andréa Stahel M. da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

IFSULDEMINAS. **Plano de Desenvolvimento Institucional: 2014 – 2018.** Disponível em <<http://www.ifsuldeminas.edu.br/00-arquivos/2014/julho/PDI2014-2018Ifsuldeminas.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2015.

NÓVOA, A. **Professores:** Imagens do futuro presente. Lisboa: EDUCA, 2009.